

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GUILHERME DE LIMA DORNELES

**LEITURA EM REDES DE AFETO E DE EMPATIA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA PROJETOS DE LEITURA NO CÁRCERE**

JAGUARÃO

2022

GUILHERME DE LIMA DORNELES

**LEITURA EM REDES DE AFETO E DE EMPATIA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA PROJETOS DE LEITURA NO CÁRCERE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português EaD, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Dissertação defendida e aprovada em: 21 de fevereiro de 2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Marcela Wanglon Richter

Orientadora

(UNIPAMPA)

Prof^a. Dr^a. Luciana Abreu Jardim

(UNIPAMPA)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Camerini Corrêa Pérez

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/02/2022, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/02/2022, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIANA ABREU JARDIM, Coordenador(a) Acadêmico(a)**, em 03/03/2022, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0740929** e o código CRC **7CE16A16**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema
GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

D7131 Dorneles, Guilherme de Lima

Leitura em redes de afeto e de empatia: uma discussão
acerca da formação de professores para projetos de leitura no
cárcere / Guilherme de Lima Dorneles.

34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2022.

"Orientação: Marcela Wanglon Richter".

1. leitura. 2. literatura. 3. cárcere. 4. empatia. I.
Título.

Leitura em redes de afeto e empatia: Uma discussão acerca da formação de professores para projetos de leitura no cárcere

Reading in networks of affection and empathy: A discussion about the training of teachers for reading projects in prison

Guilherme de Lima Dorneles

Resumo

É consenso entre pesquisadores da leitura e da área de formação de leitores que o ato de ler é transformador. Quando consideramos a leitura nos espaços do cárcere o sentido transformador do livro ganha contornos ainda mais sensíveis e humanitários. Neste contexto, o papel transformador de educadores e educadoras merece visibilidade. Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre formação de educadores que se dedicam a desenvolver projetos de leitura no cárcere. A pesquisa foi desenvolvida a partir de três momentos. Inicialmente, propõe uma reflexão teórica a partir de julho de 2021. Em sua segunda etapa, apresentamos as análises para as entrevistas que foram realizadas com quatro educadoras que realizam projetos de leitura no cárcere. Por fim, estabelecemos reflexão que integra teoria e os depoimentos compartilhados pelas entrevistadas.

Palavras-chave: leitura; literatura; cárcere; empatia

Abstract

It is a consensus among researchers in reading and in the area of reader training that the act of reading is transformative. When we consider reading in prison spaces, the transforming meaning of the book takes on even more sensitive and humanitarian contours. In this context, the transforming role of educators deserves visibility. This work presents a research on the formation of educators who are dedicated to developing reading projects in prison. The research was developed from three moments. Initially, it proposes a theoretical reflection from July 2021. In its second

stage, we present the analyzes for the interviews that were carried out with four educators who carry out reading projects in prison. Finally, we establish a reflection that integrates theory and the testimonies shared by the interviewees.

Key words: reading; literature; prison; empathy

*“A educação é a arma mais poderosa que
você pode usar para mudar o mundo”.*

(Nelson Mandela)

1- Primeiros passos

O sistema prisional brasileiro é precário, pois possui uma lógica nefasta de acumular em depósitos as pessoas que, sim, cometeram os seus delitos, mas possuem o seu direito da ressocialização e reintegração social. Além da superpopulação de presos, muitos de seus direitos, que deveriam ser garantidos pela Constituição Federal de 1988, são retirados. Um destes direitos é o acesso à cultura. O acesso à cultura é um direito previsto na Constituição Federal de 1988. É previsto no art. 215 que o Estado garantirá “(...) o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

A universidade federal, instituição pública, é um desses braços do estado e pode ser um meio de promoção de acesso à arte, à cultura, para os encarcerados.

A razão de ser deste trabalho é discutir o acesso à literatura pelas populações carcerárias. A leitura, como prática humanizadora e transformadora, é um dos meios de acesso à cultura. E o Estado tem o dever constitucional de prover esse direito a qualquer cidadão dentro do território nacional.

Estudar-se-á neste trabalho a literatura como instrumento de transformação do sujeito, em especial às minorias sociais. Vale destacar que o presente trabalho tem como foco analisar a experiência literária com a população carcerária, uma classe de minoria social, através de projetos de leitura dentro do contexto de cárcere.

As pessoas encarceradas são pessoas que possuem voz e uma história para contar (suas vivências, leituras de si mesmos).

A leitura de si mesmo é uma construção da subjetividade, pois, quem lê, dialoga com o mundo, debate com as pessoas, produz e infere ideias, critica e realiza a autocrítica. A leitura de si mesmo também é tida como uma maneira de enxergar os outros e o que há em sua volta, pois a leitura de si também é uma leitura da história humana. É a leitura do que o ser humano construiu e ainda constrói durante a história. O ato da leitura nos aproxima ao outro.

Este trabalho visa contribuir, academicamente, para um diálogo transparente, ético e científico sobre a real necessidade de formação de professores para projetos de leitura no cárcere.

Realizou-se uma pesquisa – um questionário em forma de entrevista - com uma amostra de 4 professoras, as quais trabalham com projetos de leitura dentro do cárcere. Os resultados do estudo relatam a necessidade de capacitação em projetos de leitura para professores atuantes no cárcere. As professoras concordam sobre a transformação que os projetos de leitura causam no cárcere, pois elas próprias dizem humanizar-se ao executarem esses projetos. Ademais, pontuam sobre a transformação do sujeito encarcerado que ao ter contato com o livro se submete também a uma transformação da sua vivência dentro do presídio: o encarcerado renova sua identidade, torna-se mais afetuoso, empatiza-se com o próximo. Enfim, torna-se também mais humano.

2- Aspectos teóricos – um percurso

2.1 Um glossário sobre o estudo

Ampliação da condição humana/ a leitura é uma escrita de si mesmo

O indivíduo consegue, através da literatura, apropriar-se do mundo à sua volta e de si mesmo. É através da leitura que o indivíduo se transforma num sujeito que interage com o mundo em diferentes épocas e outros indivíduos.

A literatura também humaniza, pois é arte. A literatura, por ser a arte da palavra, é apenas percebida por seres dotados de subjetividade - o ser humano. A literatura também humaniza porque promove cidadania, pois é através da leitura que o indivíduo pode “(...) construir novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma” (PADILHA e SOUZA, p.5).

O que é literatura para as minorias?

A literatura marginal, a literatura feita para e por minorias é a literatura que engaja uma população marginalizada, esquecida pela sociedade, a ocupar seus espaços de fala no mundo. É a literatura que dá voz àqueles que não possuem voz e vez.

Os encarcerados também possuem histórias para contar

É visto na realidade brasileira um total descaso com os presos e presas do nosso sistema prisional. O presídio deveria ser visto como local de reabilitação e reintegração social, um espaço de reversão da criminalidade. Uma pessoa em situação de cárcere também possui história para contar, como qualquer outra pessoa. O indivíduo preso também tem necessidade de acesso à cultura. E a arte possui um papel fundamental no processo de humanização, na formação de caráter e cidadania do indivíduo. De que maneira podemos exigir a readaptação aos presos e presas do Brasil, se não lhes são oferecidas as oportunidades e o espaço adequado?

A leitura como uma prática social

A leitura aproxima-nos ao mundo. É através dela que podemos ter uma experiência ética e estética sobre as coisas, ou seja, é através da leitura que questionamos sobre os princípios e a moral, bem como experienciamos o belo.

É por causa da leitura que contamos a história das pessoas, da gente, das relações humanas. É por causa da leitura que dialogamos com as opiniões e as perspectivas de mundo, bem como nos opomos. A leitura favorece uma dialética entre as pessoas, promovendo mudanças sociais.

2.2 Educar para Transgredir

A pensadora, filósofa, autora e professora Gloria Jean Watkins, comumente conhecida como bell hooks, o pseudônimo que leva o nome de sua bisavó materna,

e escrito de maneira minúscula porque a autora defende o enfoque à sua teoria, seu conteúdo, e não à sua pessoa, foi uma ilustre teórica da pedagogia crítica e engajada, libertadora, antirracista e do feminismo. Nasceu no sul segregacionista estadunidense e sentiu na pele os impactos de uma sociedade injusta, racista, colonialista e sexista em pleno século XX, época recente e palco de muitas conquistas, mas de muitas perdas que ainda mazecam os nossos tempos. bell hooks faleceu no final de 2021, deixando um vasto repertório intelectual que contribui na formação de qualquer professor e professora, aos professores que possuem a vontade de transformar e revolucionar os paradigmas da educação tradicional.

As contribuições de hooks para o estudo da pedagogia crítica, engajada e libertadora dialogam com a pedagogia freireana. hooks muitas vezes cita Paulo Freire em *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*. E a partir desse contato com a teoria freireana, bell hooks propõe a pedagogia crítica, plural e inclusiva. Ademais, defende a educação como instrumento de libertação do pensamento coletivo de reforço a estereótipos da sociedade ocidental, em especial a estadunidense (sua terra natal), quanto ao racismo, sexismo e classismo.

bell hooks ensina em sua obra a prática da transgressão dentro da sala de aula a partir do multiculturalismo, em outras palavras, a sala de aula com a inter-relação de variadas culturas, raças e pontos de vista. Ela defende a transgressão como o ato de romper as barreiras do convencional que separa as pessoas, que segrega e também oprime.

A autora exemplifica em seu livro, no primeiro capítulo, a existência de duas pedagogias, as quais a mesma reforça em toda a sua obra: a educação como prática para a liberdade; e a educação como prática para a dominação.

hooks conceitua esses dois modelos pedagógicos a partir da sua vivência e observação das salas de aula desde as primeiras séries até a pós-graduação. Ela percebe, desde a sua infância, que dentro das salas de aula das escolas segregadas havia a existência de uma educação pautada no avanço da vida na população negra, ou seja: os professores e professoras negros eram realmente engajados na mudança do paradigma social, o apartheid racial e excludente do sul dos Estados Unidos. Enquanto na sala de aula mista pós-apartheid, ela observa um ambiente de reforço racista e dominação impostos por professores brancos perante aos alunos negros, enxergados como penetras que atrapalham o ambiente educacional (HOOKS, 1994).

A autora aponta o silenciamento branco como dominante dentro do espaço educacional, um espaço que reforça uma pedagogia elitista e pouco preocupada com reformas sociais, em praticar o exercício de uma sociedade justa e igualitária.

A autora aponta o seguinte:

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças” (HOOKS, p. 174).

bell hooks, então, propõe como um meio para a construção de uma sala de aula libertadora, o diálogo como cruzador de fronteiras, as barreiras sociais que impedem a educação progressista de derrubar os paradigmas sociais de raça, gênero, classe e reputação profissional e mais um n número de diferenças que separam as pessoas, que impede o crescimento de uma sociedade fraterna.

Conforme a professora bell hooks desenvolve, o papel do docente é criar um ambiente de diálogo onde os alunos aprendam a falar e, principalmente, ouvir. Ela valoriza muito em sua obra sobre a sala de aula que respeita, incentiva a vivência e o lugar de fala de cada um.

O esforço coletivo que não parte apenas do docente, mas também do discente e de construir uma sala de aula onde todas as partes se dialogam e escutam o outro, é conhecido na pedagogia de Paulo Freire: chama-se educação dialógica.

Sobre a educação dialógica, conforme vê-se no artigo da web *Educação dialógica* (2021):

“Segundo Paulo Freire podemos entender a **educação dialógica como um encontro de sujeitos, em que se busca o conhecimento**. Para ele, a capacidade de estabelecer diálogos na educação é o que pode elevar o processo educacional a uma esfera libertadora para os sujeitos que dela fazem parte.

Sendo assim, todos nós, homens e mulheres, somos, para Freire, sujeitos do conhecimento, o que não necessariamente tem a ver com uma relação entre aprendiz e aprendizado, mas com as redes que se formam entre as pessoas e o conhecimento. Dessa forma **nos tornamos coparticipantes no processo de**

conhecer algo, utilizando a comunicação como base, por meio de sistemas linguísticos”.

Para hooks (1994), ser professor é estar com as pessoas. Estar com as pessoas é rumar a uma sociedade mais fraterna e unida para a libertação. Não é um processo simples, pois é um caminho que desafia as velhas maneiras e estereotipadas de pensar e de agir.

E não é fácil largar esses velhos hábitos. Na verdade, eles se entranham de maneira que a opressão é a regra e a libertação é a exceção. hooks (1994) aponta que não é fácil dar nome à dor da luta, a luta pelos oprimidos pela revolução, pela libertação do sexismo, do racismo e do colonialismo.

E nesse capítulo - o quinto capítulo - hooks indica que teorizar é tão importante quanto praticar. Pensemos na sala de aula crítica, na sala de aula onde os alunos se engajam politicamente perante as atrocidades da opressão. Professores e alunos estariam voltando as suas forças a uma sociedade menos agressiva e mais tolerante e atuante contra os sistemas de poder excludentes. Esses sistemas que reforçam paradigmas sociais negativos: pobreza, racismo, sexismo, LGBTfobia, elitismo, entre outras mazelas.

Teorizar, então, pode ser visto como uma prática libertadora. Imagine que para bell hooks isso foi uma árdua e penosa tarefa durante toda a sua trajetória acadêmica, principalmente em seu início, pois sentia em razão da cor de sua pele a dificuldade de dialogar dentro da academia sobre as questões étnico-raciais, feminismo negro. Ela presenciou por parte de muitos colegas de profissão o silenciamento e o desinteresse pelo debate de questões éticas e libertadoras.

hooks conta a história de uma mulher negra, dentro de um seminário, que diz não aguentar mais tanta “teoria” e ainda diz que é necessário “agir”. Essa mulher relata estar muito cansada de tanto falatório. hooks expressa que conhece muito bem essa sensação, porém critica de maneira ferrenha, durante toda a obra, o silenciamento negro. hooks defende que são raras as vezes que o negro tem voz dentro da academia científica, e aquele momento, no seminário, era a hora da solidariedade entre os irmãos e as irmãs de raça.

Voltemos nossas atenções ao espaço dialógico: durante qualquer curso da área pedagógica sempre ouve-se falar sobre o patrono da educação brasileira, Paulo

Freire. hooks, assim como Freire, em seu capítulo 10 do livro, aponta a necessidade de construir dentro da sala de aula um espaço de diálogo.

E é a construção do espaço dialógico que permite a sala de aula transgressora. Transgredir significa ir além, atravessar fronteiras. E bell hooks nos ensina que nós, professores, precisamos romper e desconstruir a sala de aula tradicional. É assim que se vai além, transgride.

A sala de aula transgressora precisa, para ser colocada em prática, da disposição dos professores e professoras para não promover mudanças apenas na sala, mas também no currículo.

Deve-se mudar o currículo que prioriza a educação do ponto de vista bancário, conforme Paulo Freire sempre criticava, a educação tida como o mero exercício de depósito de conhecimentos na mente “vazia” dos alunos. A verdade é que, conforme Freire postula em *Ato de Ler - A importância do ato de ler*, a leitura do mundo precede a leitura da palavra (entende-se como a palavra escrita). A partir daí podemos inferir que, antes mesmo de aprendermos a ler a língua tal como ela é codificada no papel ou na tela de um eletrônico, aprendemos a ler a realidade. Aprendemos desde criança, pois as crianças são por si só experimentadoras, cientistas e questionadoras das ações dos adultos, bem como suas próprias ações.

Também pode ser deduzido que as pessoas durante a trajetória da vida aprendem a contar suas histórias, suas vivências. É verdade, então, que o papel do professor é mediar um espaço de percepção crítica sobre a sua realidade. Afinal, as pessoas, ao lerem o mundo, estão realizando um ato de liberdade, um ato transgressor.

Por isso há a real necessidade de construirmos uma sociedade que educa para dar voz ao oprimido, não uma educação burguesa a qual volta os seus interesses na formação de pessoas que defendem a opressão e os opressores.

Para ilustrar a real situação brasileira, o ex-ministro da Educação do Brasil apontou em uma entrevista ao jornal Valor Econômico sobre a necessidade de fechar a universidade apenas a uma elite intelectual, ao defender a expansão de cursos técnicos para a população que necessita inserir-se no mercado de trabalho; e defende o conceito, que a extrema-direita brasileira tanto fala, chamado de “ideologia de gênero”.

Ora, percebe-se que o Estado, durante toda a sua história, e agora mais do que nunca, reserva o melhor do ensino superior a uma elite, quando menos investe no ensino superior público.

E o nosso ex-representante máximo da Educação, que não há muito tempo comandava a pasta, mostra-se antilibertador ao defender uma terminologia, criada por ultraconservadores, que ataca o ensino sobre gênero nas escolas.

Percebe-se, então, que no Brasil há a real cultura política de dominação sobre as classes mais desfavorecidas: pretos, indígenas, mulheres, LGBTQIA, pessoas em situação de extrema pobreza, entre outros.

Um exemplo de educação para a transgressão que permeia a cultura brasileira, porém precisa progredir ainda mais, é o ensino obrigatório e inserção no currículo das escolas de educação básica a história e cultura afro-brasileiras e a de indígenas.

Um exemplo de como a educação está voltada para a dominação, como hooks ataca, que se cita aqui neste trabalho, é de um estudo publicado num artigo da UERJ, conforme Gonçalves (2019) aponta em seu artigo. Esse estudo aponta sobre o número de professoras mulheres atuantes em cursos de pós-graduação no Brasil:

“De acordo com dados coletados no Censo da Educação Superior (2016), 10 mil professoras doutoras atuando em programas de pós-graduação são brancas, enquanto 219 são mulheres negras (pretas e pardas), menos de 3%, e dessas, apenas 0,4% são pretas”.

Transgredir é enfrentar o modelo de educação burguesa vigente em nossa sociedade. É o ato de derrubar e desconstruir a educação que concede o poder para poucos e que faz todo o oprimido sonhar em ser opressor. Romper o estigma da sala de aula como espaço de dominância do professor ao aluno. Afinal, como a sala de aula tradicional proporcionará um espaço de multiculturalismo, de respeito e cultivo às múltiplas identidades?

Transgredir é dar o protagonismo da fala, da atuação na política, e na tomada de decisões da nossa sociedade. É inclusão, é convergência entre os povos, raças e classes. Não é submissão, é o exercício da não-dominância por parte do privilegiado, e do exercício da crítica e posicionar-se perante as injustiças do mundo.

O trabalho de hooks faz perceber, aos leitores ávidos por mudanças que rompam os vícios e paradigmas sociais, que a educação precisa ser pautada no

diálogo com paz e respeito, que todas as vozes precisam ser ouvidas. Todos possuem histórias para contar, pois cada um possui experiências distintas e formas diferentes de visão de mundo. Percebe-se durante sua obra que a educação, para ser libertadora, não deve reforçar a educação para a dominação, a opressão, mas sim na ideia de que devemos dar vez e voz aos que não possuem vez e voz, incentivar a educação para a libertação. É vista também a influência freireana em toda a sua obra, pois bell hooks incentiva a pedagogia crítica e a autonomia dos alunos.

Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade faz-nos refletir muito além do processo pedagógico em si, a obra também nos proporciona a reflexão sobre a prática pedagógica através da educação antirracista, antissexista e anticlassista. A obra propõe reflexão por parte dos privilegiados, de maneira muito emocionante e que nos toca o coração, a luta por uma sociedade mais igualitária; e toca o coração das pessoas oprimidas, as pessoas que lutam também por um mundo melhor através da libertação.

Da mesma forma, é importante salientar que a mudança para um mundo livre e melhor não é um processo fácil. É desafiador, porém, como a própria bell hooks indica: “Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos” (HOOKS, p.193). Devemos então, pode-se assim dizer que, antes de tudo, para transgredir, é necessário despertar para a prática do diálogo, da reflexão e da desconstrução de velhos modos de agir e pensar que visam a sobreposição ao outro. Precisamos crescer juntos ao próximo, trabalhar com o conceito de comunhão, e não de exclusão.

bell hooks, através de seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, contribuiu muito para a minha formação de professor e sonhador por um mundo melhor. Obviamente, não possui lugar de fala sobre a vivência das minorias sociais que existem no nosso Brasil desigual e injusto, mas reconheço, assim como Paulo Freire, a incontestável necessidade de simpatizar e solidarizar-me aos movimentos de resistência. Sinto também a necessidade de contribuir, como professor, na atuação dentro da sala de aula como um sujeito mediador do diálogo, da empatia, do amor e da educação através da pedagogia crítica.

2.3 A importância do ato de ler

O livro de Paulo Freire conta a sua experiência, através de três artigos, da

alfabetização de jovens e adultos em São Tomé e Príncipe - um pequeno país insular do continente africano. A verdade é que Paulo Freire, por muito tempo, exilou-se em muitos países - devido à perseguição da ditadura militar brasileira.

Durante este tempo pré-anistia, anistia que ocorreu apenas em 1979, Paulo Freire trabalhou como professor em muitos países, empregando o Método Paulo Freire de alfabetização, cujo método havia sido implementado através de inúmeras experiências em cidades brasileiras, como Angicos (cidade interiorana do Rio Grande do Norte).

O que pode chamar a atenção de muitas pessoas, inclusive educadores em formação inicial e/ou continuada, é que o autor defende a tese de que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo. Em outras palavras, tornamo-nos leitores antes mesmo de decodificar a palavra escrita. Essa visão é revolucionária, pois conforme Paulo Freire defendeu em sua vida, é que não existe o saber mais ou saber menos, o que existe são saberes diferentes. A verdade é que todos possuem histórias, vivências, visões de mundo, conhecimentos para contar.

Conseqüentemente, Paulo Freire defende veementemente que a alfabetização não deve ser desconexa com a realidade do educando. Freire defende a aproximação do professor ao aluno, estabelecendo uma relação de “camaradagem” (ele refere-se assim aos seus educandos, de “camaradas”). Freire, por conseguinte, defende que o processo de alfabetização deve ser pensado não somente para o aluno, mas também com o aluno.

O método, conforme ele vai mostrando em seus artigos do livro, consiste em trazer à tona os assuntos que os educandos mais vivenciam e a partir daí construir a alfabetização através da sensibilização, ou seja, a alfabetização por intermédio da análise crítica dos significados das coisas e do mundo. O professor deve assumir a postura de que o educando precisa inspirar-se para uma perspectiva conscientizada e de (auto)crítica.

Estamos no centenário de aniversário do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Tristemente, ainda, discute-se sobre a idoneidade do trabalho de Freire pela educação das pessoas. Movimentos sociais inflados pelos opressores impõem discursos que dizem proteger os oprimidos, como a educação neutra (exemplo: Movimento Escola Sem Partido), mas que na verdade vão contra o oprimido. Paulo Freire é atual ao criticar, desde a sua formação teórica, e promover uma educação

libertadora. Afinal, ele possui a célebre frase que fala: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

2.4 Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão

Freire destaca neste capítulo e, claro, em toda a sua obra, a influência do pensamento filosófico-marxista sobre percepção de sociedade, seja o materialismo histórico, seja o materialismo dialético.

É materialismo histórico, pois Freire (assim como Marx e Engels) acreditava na abordagem metodológica a qual estudava as relações humanas entre o oprimido-opressor. Assim como Marx e Engels destacam a relação entre o vassalo-suserano, no feudalismo, e o operário-burguês, no capitalismo. Destarte, vê-se que o materialismo histórico é presente na obra freireana, uma vez que Paulo Freire tenha defendido em vida a libertação do oprimido ao opressor.

O materialismo dialético, outra concepção filosófico-científica marxista, é percebido na obra de Paulo Freire quando o mesmo autor defende as relações entre indivíduos como motor de propulsão para as mudanças sociais. Paulo Freire defende o diálogo crítico em comunhão entre as camadas sociais oprimidas, a fim de que seja despertada a verdadeira revolução do paradigma social: oprimido-opressor. E o diálogo crítico envolve ação transformadora. Envolve o debate e a ação (coletiva) de querer libertar-se do atual estado das coisas e, principalmente, o estado dos homens. Destaca-se o estado dos homens, pois:

“A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isso, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, p. 34).

A libertação, portanto, é feita com e não por outros. A libertação deve ser uma revolução permanente de ideias, diálogo e ações entre todos. É o engajamento,

conforme cita o próprio Paulo Freire, que promove a práxis libertadora. A ação convergente de todos e todas.

3- Movimentos de pesquisa

Durante toda a minha trajetória acadêmica trilhada no curso de Licenciatura em Letras – Português EAD, percebi que o curso de Licenciatura em Letras – Português EAD, apesar de suas dificuldades, possui a bonita e encantadora tarefa de formar educadores/educadoras e teóricos/teóricas de excelência dentro do contexto do nosso Pampa.

E para a minha formação é tido como requisito formal, conforme é rito para todos dentro da academia, a escolha de um eixo norteador dentro da pesquisa científica, com a finalidade da elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Escolhi, entre os focos desenvolvidos dentro do curso na Universidade, a formação de professores dentro do contexto de projetos de leitura executados no cárcere. Trata-se de um tema de estudo de caráter muito sensível para ser debatido, pois o próprio senso comum acaba criando muitos mitos, tabus e opiniões carregadas de preconceitos, os quais contribuem para discussões as que não resolvem os problemas envolvendo a temática do cárcere, um fato social e problema estrutural da nossa sociedade brasileira.

O que moveu o meu coração para propor um debate, acima de tudo ético e científico, sobre essa problemática foi a afinidade com o tema. Na verdade, trabalhar com projetos de leitura no cárcere e formação de professores tem sido o foco da minha atuação discente dentro da Universidade. Tenho participado dentro da Unipampa de focos acadêmicos envolvendo a formação de professores e projetos de leitura no cárcere, como: cursos de extensão; dentro do próprio contexto do desenrolar dos componentes curriculares do curso; o estimado Grupo de Pesquisa “Mar de Imagens”, sendo esse grupo o principal expoente e determinante da minha escolha; a preferência por leituras extracurriculares as quais versam sobre o tema, e que enriquecem o meu repertório intelectual; e por último, mas não menos importante, a íntima necessidade que possuía sempre dentro de mim de contribuir para a ciência brasileira com um diálogo transparente, com empatia e com o devido rigor acadêmico sobre a questão literatura no cárcere e a formação docente.

4- A Educação como prática libertadora

Questão 1 - Para Paulo Freire, patrono da educação brasileira, há o seguinte ponto: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Partindo desse pensamento, o que você entende por “educação libertadora”?

A análise dos resultados das entrevistas permite observar que o conceito de educação libertadora passa pela conexão profunda entre educadores e educandos e também por uma tomada de consciência do papel transformador da educação na vida dos seres.

Professora 1

“Conforme algumas leituras de obras do autor mencionado e minha experiência pessoal atuando como educadora, compreendo que a educação libertadora se assenta em práticas que permitam aos sujeitos – todos os sujeitos envolvidos no processo, pois parte-se de uma relação de horizontalidade entre os envolvidos nessa prática – compreenderem como a sociedade em que estão inseridos se organiza estruturalmente – seus sistemas de classes, crenças, leis, afetos – para que, munidos dessa compreensão, os sujeitos possam compreender o lugar de onde atuam socialmente, as determinações que lhe são impostas e, assim, construam uma postura crítica sobre a realidade em que vivem e também estratégias para intervir nessa realidade, construindo novas relações políticas, sociais e afetivas.”

Professora 2

“A educação libertadora deve ver o aluno como um sujeito histórico e a prática pedagógica nessa linha deve buscar desenvolver a consciência crítica e não reproduzir teorias e conceitos postos pela cultura dominante vigente.”

Professora 3

“É aquela que oportuniza aos educandos a possibilidade de pensar e agir tendo o diálogo e a escuta como pontos essenciais. “

Professora 4

“É assumir um compromisso com a humanização e compreender que todas as pessoas precisam ser respeitadas.”

ANÁLISE

Vejo através da minha própria experiência acadêmica, bem como nas respostas supracitadas, que a ideia de educação libertadora implica um processo de transformação em que educadores e educandos trabalham em conjunto - a relação de horizontalidade, conforme cita a professora 1 - para criar uma nova realidade. Baseia-se no entendimento de que a educação pode desempenhar um papel transformador na vida dos indivíduos e da sociedade como um todo.

A educação liberta as pessoas das cadeias da opressão, e permite-lhes levar uma vida mais plena e significativa. A professora 2 aponta muito bem isso ao responder quando diz que o aluno é um sujeito histórico e atuante quando desenvolve a sua criticidade ante ao estado das coisas e “conceitos postos pela cultura vigente”. Para complementar o que a professora 2 indica, acredito também que a educação libertadora promove a justiça social e cria uma sociedade mais justa, fraterna e empática.

Vale mencionar que a educação libertadora é uma construção da empatia, haja visto que na verdade o ato de educar, e, quando digo educar, fala-se da relação entre os sujeitos educador e educando, é a construção de uma sociedade que acredita nos pilares do amor, da edificação de uma sociedade justa, crítica e ativa nos processos políticos. E isso se deve, principalmente, ao exercício da escuta e do diálogo como ferramentas transformadoras dentro do conceito de educação libertadora, conforme a professora 3 aponta.

A educação libertadora é a construção de uma sociedade que acredita na igualdade dos seres humanos e na possibilidade de um futuro melhor. É a construção de uma sociedade na qual os sujeitos se veem como seres que possuem uma história para contar, e não como objetos a serem usados. Sujeitos esses que respeitam o espaço do outro, isto é, que assumem o compromisso de empatizar com o próximo

ou, como a professora 4 explana, “ (...) compreender que todas as pessoas precisam ser respeitadas.”

5- O impacto de projetos de leitura para pessoas em situação de cárcere

Questão 2 - O que você pensa sobre o impacto de projetos de leitura para pessoas em situação de cárcere? Acredita que os projetos de leitura possuem um papel humanizador na vida dessas pessoas?

A partir das concepções de educação como prática libertadora, expostas pelas docentes entrevistadas, pude desenvolver uma reflexão mais profunda sobre o impacto dos projetos de leitura no cárcere. É consenso entre as entrevistadas que as potencialidades de um projeto de leitura não se restringem apenas à possibilidade de remir a pena. De forma unificada, as educadoras destacam o papel sensibilizador e humanizador da leitura.

Professora 1

“(...) no decorrer das leituras, esses sujeitos se envolviam com o texto de tal forma que, pra além da escrita do relatório que permite a remição, eles queriam a oportunidade de compartilhar aquilo que leram, escutar o que os colegas compreenderam do texto. Pude vivenciar momentos de extrema entrega e vulnerabilidade desses sujeitos que se permitiram chorar ao falar do livro e lembrar das suas famílias; que se esforçaram em organizar uma fala que contribuísse com a discussão; que se colocaram no lugar da escuta; que se permitiram mudar de ideia ao ouvir o outro; que se expuseram à fragilidade de dizer que não compreenderam e se permitiram aprender; que puderem estabelecer, por alguns instantes, relações de afeto com outros sujeitos envolvidos (...).”

Professora 2

“A palavra impacto é perfeita. Realmente é algo impactante, é tudo pra quem está encarcerado, muitas vezes sem ver o sol, a luz do dia, sem amor, sem carinho, sem fé. A leitura é tudo pra quem só carrega tristeza e culpa. Pra quem ainda continua sendo violentado, apesar da violência já sofrida durante toda a vida. (...) Então a

leitura humaniza porque dá voz a quem muitas vezes nunca foi escutado. Ao discutir um livro, o sujeito pensa, repensa sua vida e também a sociedade”.

Professora 3

“Acredito que os projetos de leitura no cárcere são fundamentais para que possamos refletir na necessidade de pensar as prisões enquanto algo que faz parte da sociedade, e não algo a parte. Os projetos de leitura no espaço do cárcere não impactam somente na vida das pessoas que estão nesses lugares, mas reflete diretamente no contexto de liberdade quando saem. A leitura liberta! Penso que construindo projetos como esse, também colocamos em prática a educação libertadora, ou, como bell hooks (2013) nos ensina, a pedagogia engajada. Além disso, acredito que os projetos de leitura são também, além de humanizadores, uma pequena parte do longo caminho que é pensar o desencarceramento em massa. É construir conhecimento de forma coletiva, é compreender as pessoas enquanto seres humanos, enxergando as pessoas em suas particularidades e uma forma de compreender como elas compreendem o mundo”.

Professora 4

“Estando à frente de um projeto que tem a prática da escrita e leitura como protagonistas, vejo o quanto isso beneficia a quem tá em privação de liberdade. Estimula a criatividade, o pensamento crítico e propicia que, ao lerem e escreverem, sejam, de certa forma, livres”.

ANÁLISE

O ato de ler é uma forma de conhecer outras pessoas, de expandir horizontes e de descobrir novos mundos. Nesse sentido, os projetos de leitura provocam uma mudança positiva nas pessoas em situação de cárcere, pois elas passam a se questionar mais, a refletir sobre suas vidas e a buscar novos caminhos. A professora 4, ao ser questionada, traz isso à tona ao apontar sua experiência com projetos de leitura e escrita a pessoas em situação de privação de liberdade, quando diz que além da leitura estimular o pensamento crítico, as pessoas envolvidas nesses projetos sentem-se livres.

Os projetos de leitura no cárcere não se restringem ao ato de ler livros. Envolvem também a troca de experiências e a construção de relações de confiança

entre os seus companheiros de cárcere e os educadores. Dessa forma, esses projetos contribuem para o crescimento pessoal dos encarcerados e para a transformação da prisão em um espaço mais humano.

A leitura, dentro cárcere, a professora 1 responde que está muito além do ato de remição da pena. Esses projetos trazem ao cárcere a oportunidade da liberdade, consoante ao que a professora 3 demonstra, quando é dito que “a leitura liberta”. Na verdade, defendo igualmente que a leitura liberta, pois percebo através do relato da mesma professora 3, a concordância da prática da leitura como uma ação libertadora e prática engajada transformadora de pessoas e sociedades inteiras.

Acredito também, em conjunto com a professora 3, que a própria experiência da leitura dentro cárcere é um projeto a longo prazo do desencarceramento em massa. Sabe-se que o problema de encarceramento em massa é um fato social no Brasil, bastando ver os dados levantados pelo Departamento Penitenciário Nacional do Brasil (2021), quando em 2021 levantou-se estatisticamente que em nosso país há mais de 820.000 pessoas com algum tipo de privação de liberdade devido a infrações penais. Os projetos de leitura, como solução para criações de redes de afeto, redenção dos sujeitos e a edificação de uma sociedade mais fraterna e menos violenta, entendo também como um caminho.

E quando se fala em sociedade violenta, a professora 2 aborda a realidade violenta dentro dos presídios como um contexto e um espaço de violência, sem fé, sem afeto – como se não bastasse a violência mundo afora, como a própria professora muito bem declara. E a leitura é um refúgio para os encarcerados, pois é o momento de reconstrução do indivíduo e da sociedade.

6- Compromissos do Estado na democratização do acesso à leitura para pessoas em situação de cárcere

Questão 3: Em sua opinião, o Estado poderia fomentar, de forma mais intensa, o acesso de pessoas em situação de cárcere à leitura? De que forma esse acesso poderia ocorrer?

A ênfase na importância do comprometimento do Estado para a realização de projetos de leitura para a população no cárcere é destaque nas reflexões das quatro docentes entrevistadas nesta pesquisa.

Professora 1

“Sim, obviamente. A portaria que permitiu a implementação de projetos de remição pela leitura no RS – falo do estado porque é o contexto que conheço melhor – foi uma grande vitória, mas é preciso rever muita coisa para tornar viável que projetos dessa natureza sejam colocados em prática em todos os presídios. (...) Na minha opinião, precisamos de uma reformulação completa da portaria, que permita que os projetos de remição possam atuar com mais liberdade na escolha dos métodos de trabalho e avaliação; um financiamento do estado para a compra de materiais e livros; a construção de espaços adequados nos presídios para que os sujeitos possam fazer as leituras; e, não menos importante, a divulgação da existência desses projetos e cursos de formação para professores que se interessem em participar”.

Professora 2

“Eu acredito na educação prisional, penso que o estado deveria levar todos os âmbitos de ensino para as casas prisionais. É possível e não é difícil. Porém não é tão simples porque de acordo com algumas teorias o Estado se utiliza do sistema penal para manter fora da visão da sociedade “aqueles” que devem ser banidos, ou seja, é um tipo de controle social institucionalizado”.

Professora 3

“Enquanto educadora, que acredita em uma educação libertadora e sou sonhadora, o Estado não somente poderia, mas deveria fomentar de forma mais intensa o acesso de pessoas em situação de cárcere à leitura”.

Professora 4

“Com certeza. Porém, ao entrar no meio do cárcere e dos projetos, vi que isso é um processo tão burocrático que muitas vezes parece até impossível de acontecer. Acredito que, enquanto o Estado não faz o que é determinado em Lei, o que se pode fazer é aproveitar as brechas que tivermos para fazer esses projetos de forma voluntária. A Lei existe, só precisa ser cumprida!”.

ANÁLISE

As entrevistadas concordam entre si, ainda que não se conheçam e/ou não saibam quem foram as outras partes entrevistadas, que o sucesso de qualquer projeto de leitura no cárcere depende – em grande parte - da disposição do Estado em investir nele. As professoras apontam que, consoante às suas experiências, o Estado não tem se disposto a fazer o investimento necessário em projetos de leitura para a população carcerária. A professora 4 comenta que, apesar de existir dispositivos legais que versam sobre educação e acesso à literatura no cárcere, não há um cumprimento legal por parte do poder estatal.

Percebo, por intermédio de todas as respostas dadas à questão 3, que fica evidente que o compromisso do Estado é fundamental para o sucesso de qualquer projeto de leitura para a população carcerária. Este compromisso deverá traduzir-se na atribuição de recursos adequados, tanto financeiros como humanos, de forma a garantir o sucesso do projeto. Além disso, é importante que o Estado forneça o apoio logístico necessário, como um espaço para o projeto, e que crie um ambiente favorável ao desenvolvimento das habilidades de leitura.

Outra reflexão muito relevante que acredito ser pertinente em trazer a esse trabalho é a visão rotulada do encarcerado como um ser “banido” de tudo (além da liberdade) e dos seus direitos, que não somente a sociedade em geral possui, mas o próprio Estado também tem – concordante ao que demonstra a professora 2. O encarcerado é muitas vezes visto como um “animal”, um sujeito sem deveres e direitos a serem cumpridos. Essa visão é preocupante, pois fala da maneira pela qual os encarcerados são frequentemente marginalizados e ignorados.

Tenho total ciência que o encarcerado deve cumprir sua pena, pois creio que as pessoas as quais cometem crimes e delitos devem responsabilizar-se pelos seus atos perante ao Estado, mas reforço aqui, por meio desse trabalho, que conforme as convenções e os acordos internacionais de direitos humanos e a própria Constituição Federal de 1988 (um avanço legal, político e social para a composição do nosso Estado democrático e de Direito) postulam a defesa pelos direitos básicos à vida, aos princípios de um Estado que não deve – pelo menos não deveria – ser incentivador da barbárie e da cultura de violência. O encarcerado deve ter o direito de cumprir sua plena redenção e condições favoráveis para a sua reinserção à sociedade.

É muito importante também salientar, como a professora 1 disse, sobre o maior fomento na criação de cursos de formação voltados aos docentes que se interessam por projetos de leitura no cárcere. Os cursos devem ter como objetivo treinar os

professores sobre o cuidado em trabalhar com as pessoas encarceradas, como proporcionar um ambiente de aprendizagem seguro e solidário e aliar a experiência acadêmico-docente do educador com a realidade carcerária. Os cursos também forneceriam informações sobre como trabalhar com diferentes tipos de pessoas encarceradas, conectar-se com a comunidade e defender mudanças no sistema de justiça criminal.

7- O papel da leitura para a construção de uma sociedade mais fraterna

Questão 4: Você acredita que o acesso ao livro poderia contribuir para uma sociedade mais justa e fraterna, menos violenta e mais tolerante? Qual o papel da leitura para a construção dessa sociedade?

Sensibilizar, ampliar horizontes, mudar vidas, erguer vozes silenciadas e construir um mundo mais harmonioso, menos competitivo e violento. As atribuições relegadas à leitura pelas docentes remetem ao poder transformador de vidas da leitura.

O ato de ler traz às pessoas o potencial de mudar suas vidas de muitas maneiras. Ajuda-lhes a aprender sobre coisas novas, entender diferentes pontos de vista e desenvolver a empatia. O ato de ler é inspirador, pois muda a maneira de pensar dos sujeitos leitores, e provoca-lhes a questionar o mundo ao seu redor e a buscar mudanças.

Professora 1

“Acho que a leitura nos permite olhar para o mundo a partir de diferentes pontos de vista, nos ajuda a compreender um pouco mais sobre os outros e sobre nós mesmos, e isso é muito importante para que a gente desenvolva a empatia. (...) Talvez a leitura seja uma das poucas práticas de escuta que ainda nos envolve. Escuta do outro e escuta de si mesmo. A mudança do mundo passa por uma compreensão dele, de nós mesmos, das nossas relações, e eu não tenho dúvidas que a leitura é uma ferramenta essencial para isso”.

Professora 2

“O papel da leitura para a construção da sociedade é o mesmo papel da educação. Só que a leitura é onde tudo começa. Um aluno ao ser alfabetizado já precisa entender sobre a leitura do mundo e não só da palavra. Uma pessoa sempre pode se tornar leitor em qualquer idade, e em qualquer contexto”.

Professora 3

“O acesso à leitura permite que a gente construa uma sociedade possível, uma sociedade que sonha, que acredita em si, que se reconhece enquanto ser humano e pessoa que possui direitos. Portanto, não só acredito que pode contribuir, como acredito que o acesso à leitura e ao livro é um dos caminhos de esperança, para que desnaturalizemos situações de violência, de opressão e assim transformemos o mundo e a sociedade em que vivemos”.

Professora 4

“Ler é sair do lugar, é reinventar, é criar, é fazer arte com o pensamento. Uma construção diária e necessária para todas as pessoas”.

ANÁLISE

A escuta do outro e a escuta de si mesmo, assim como aponta a professora 1, implica-me a pensar sobre a leitura como um ato de resistência, de amor, de afeto e solidariedade frente às barbáries do mundo. Essa é uma maneira incrivelmente poderosa de pensar sobre a leitura e é uma maneira perfeita de descrever o papel da literatura em nossas vidas. Ao ler histórias, estamos nos abrindo para diferentes mundos e diferentes perspectivas. Estamos aprendendo sobre pessoas e culturas que são diferentes da nossa, e estamos adquirindo uma compreensão mais profunda da experiência humana, entendemos mais ao próximo que nos cerca. Também estamos ganhando uma maior compreensão de nosso próprio mundo e nosso próprio lugar nele, nosso lugar de fala.

A leitura é uma forma de resistência contra as injustiças do mundo. Quando lemos histórias que ressoam com nossas próprias experiências podemos sentir uma sensação de conexão e comunidade. Nós nos sentimos apoiados e amados, e

sentimo-nos inspirados e empoderados para fazer a diferença. Acredito na leitura como uma maneira das pessoas engajarem-se consigo mesmas.

A resposta da professora 2 sintetiza em poucas, porém verdadeiras e congruentes com a realidade, a visão e o legado freireanos sobre o ato de ler: trata-se do conceito de que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, do código escrito. Isso porque o código escrito é sempre secundário ao mundo que representa; é produto da invenção humana, enquanto o mundo é produto de fenômenos naturais. Nesse sentido, Freire acreditava que o ato de ler é uma ferramenta para compreender e mudar o mundo, mais do que simplesmente compreender o código.

Possuo muita afinidade com o fato de que ler está muito além de decifrar automaticamente, e sem criticidade, as palavras escritas por si só. Acredito que a trajetória de um educador transformador passa pelo papel transgressor de incentivar a leitura, por parte dos educandos, das coisas que os cercam do mundo.

A professora 3 complementa o conceito passado pela professora 2, quando aquela comenta sobre a sociedade que lê é a sociedade que sonha. A sociedade sonha, pois ela reconhece o seu lugar, o seu espaço. É a sociedade na qual os sujeitos não apenas se conhecem, mas reconhecem-se.

A professora 4 aponta muito bem que o acesso à leitura, o acesso ao livro, é o acesso à edificação de uma sociedade que se reinventa. Ela comenta que a sociedade que possui acesso ao livro é uma sociedade que “faz arte com o pensamento”. No entanto, vou além: a sociedade que possui acesso ao livro é uma sociedade que faz a arte com a esperança. A esperança de que o mundo pode ser lar onde os povos vivem em harmonia, não fazem atrocidades e que recusam a cultura da violência.

8- O trabalho educativo com pessoas em situação de cárcere.

Questão 5: Conte-nos sobre o seu interesse pelo trabalho educativo com pessoas em situação de cárcere. O que motivou você a estabelecer este vínculo?

e

Questão 6: Na condição de educador/educadora, relate como a experiência no presídio contribuiu para a sua formação docente.

O desejo de transformar vidas e melhorar o mundo. Acredito que estes dois anseios resumem de forma efetiva o que move as educadoras entrevistadas nesta pesquisa. A participação em projetos de leitura no cárcere confirma essas perspectivas. Oferece aos educadores uma oportunidade única de ver o potencial de mudança na vida das pessoas encarceradas e de trabalhar de forma colaborativa para que essa mudança aconteça.

Professora 1

“Eu sempre quis fazer trabalho voluntário e quando soube da existência do projeto em Jaguarão, vi a oportunidade de contribuir, através da minha formação como professora, em um contexto em que eu sabia que poucas pessoas teriam interesse. Eu já tinha feito algumas leituras sobre cárcere, sempre foi um tema que me tocou. Lembro que o primeiro livro que li sobre isso, na adolescência, foi Estação Carandiru, do Drauzio Varella, e eu fiquei em choque. Também vim de uma família em que o discurso “bandido bom é bandido morto” era repetido à exaustão, coisa que sempre me incomodou demais. Quando fui fazer mestrado, conheci uma professora (Luciana Vinhas) que havia analisado, em sua tese de doutorado, relatos de mulheres em situação de cárcere, foi um trabalho que me emocionou muito”.

“Acho que, antes de tudo, me mudou como sujeito no mundo. Eu já tinha lido várias coisas sobre cárcere, mas nunca tinha entrado em um presídio. (...) Lembro da primeira vez em que entrei no presídio para participar, como ouvinte, de uma roda de conversa sobre um livro. Eu fiquei lá dentro pouco mais de uma hora. Quando eu saí de lá, tive uma sensação indescritível. Era um alívio tão grande estar do lado de fora, mas, ao mesmo tempo, eu me senti tão mal por saber que aquelas pessoas que participaram da atividade comigo não podiam sair. (...) O trabalho no projeto me tirou da bolha em que eu vivia, me obrigou a enxergar a violência, a humilhação, a desumanização, coisas que não existem apenas no cárcere, estão do nosso lado, todo dia, mas a gente se acostumou a fingir que não vê e seguir. Como professora, acho que me tornei mais atenta ao outro”.

Professora 2

“Desde muito jovem fazia questionamentos sobre a falta de liberdade, na família, na escola e depois quando estudante, sobre no cárcere. Esse questionamento

acredito que era porque nasci ainda na época da ditadura e tive uma educação muito rígida tanto em casa como na escola. Acho que veio daí a motivação inicial. Tenho um curso de psicologia não concluído e desde aquela época desejava estagiar em presídios (por volta do ano de 1995, 1996). Quando aconteceu a oportunidade desse estágio só tive aprovação da professora caso fosse um colega homem junto. Ninguém quis. Segui com meus questionamentos e em 2015 entrei no Mestrado em Educação e “bati muito o pé” para fazer a prática no sistema prisional. E dessa vez a professora orientadora aceitou”.

“Eu terminava a atividade feliz por ter contribuído um pouco com aquele ser humano. Mas penso aprendi mais do que ensinei, aprendi muito com aquela pessoa que a sociedade decidiu excluir (muitas vezes desde que nasceu). É preciso entender que quem fica preso no Brasil é negro, pobre e pessoas sem ou com pouco estudo. Não quero dizer aqui que não deve existir punição (de outra forma). Mas que todos sejam punidos, igualmente, e isso não acontece em nossa sociedade”.

Professora 3

“Sempre falo muito que pesquisar a educação no contexto do cárcere começou quando eu era muito jovem, quando eu via meus amigos de escola deixando de ir as aulas e sendo presos em operações. (...) Ainda na graduação, conheci projetos de pesquisa que me aproximaram da minha realidade, mas, dessa vez, enquanto pesquisadora. Se antes eu tinha a prática da violência que envolve a sociedade racista, classista e patriarcal em que vivemos, posteriormente a pesquisa me possibilitou conhecer este lugar e contexto histórico a partir da teoria. Sendo assim, o interesse surge formalmente no início da graduação por meio de projetos de extensão, mas conviver com as injustiças desde a infância alimentaram em mim o desejo de luta”.

“Se eu pudesse resumir todas as experiências que tive ao longo desses anos, a palavra seria: humanizar. Me humanizar, enxergar as outras pessoas como seres humanos e, sobretudo, seres humanos de direitos. (...) Também costumo relatar que me encontrei enquanto educadora popular, e, acrescento ainda, enquanto mulher. Eu renasci nesse espaço e, compreendi que a pesquisa é minha vida e a luta é incansável. É preciso fazer tudo com amor, sem perder a rigorosidade e seriedade

que precisamos ter para reafirmar nossos espaços em uma sociedade excludente e patriarcal. A cada nova experiência, conheço um pouco mais de mim, mas, além de mim, conheço um pouco mais de cada ser humano que encontro ao longo deste percurso”.

Professora 4

“As coisas na minha vida foram acontecendo. Eu não programei nada, apenas aceitei um convite para coordenar um projeto. (...) “Com a evolução dos dias, e com o crescimento do projeto fui lendo mais e me familiarizando com mais leituras, autores, referências que não podem faltar para quem deseja trabalhar com projetos no cárcere. Mas com certeza o que mais me motivou foi o retorno das meninas envolvidas no projeto. Cada carta recebida, cada palavra de carinho e saber que o que eu faço tem significado e significância para elas”.

“Com certeza sairei do curso de Letras muito mais humana do que quando entrei. Não que eu não fosse, mas essa experiência, que só surgiu por eu cursar Letras, me deu muito mais visão de mundo e a certeza do caminho que desejo seguir.

ANÁLISE

As participantes que responderam ao questionário deste estudo expressaram uma profunda e íntima crença no poder da leitura como motor de mudança para vidas. Elas também sentem um senso de responsabilidade de usar esse poder para ajudar as pessoas em situação de cárcere a melhorar suas vidas e o mundo ao seu redor. Esta pesquisa confirma a importância dos projetos de leitura na prisão e os poderosos efeitos que eles podem ter nos educadores, nas pessoas encarceradas e na sociedade como um todo.

O início para a trajetória dentro do presídio de todas essas professoras aconteceu por intermédio da universidade, em algum momento que seja.

Para a professora 1, foram os livros que abordam o tema e a pós-graduação que lhe trouxeram para esse chamado.

Na professora 2, o início deu-se por meio da experiência dentro do ensino básico, pois recorda que desde essa etapa da vida que se recorda de uma escolarização pautada nos moldes antidemocráticos e anti-liberdade da ditadura. Após isso, ela lembra que foi dentro do curso não completado de psicologia, durante

a graduação de pedagogia e na pós-graduação que sempre houve o sentimento pulsante por trabalhar com projetos de leitura dentro do cárcere.

Já na professora 3 o impulso que a fez voltar-se para projetos de leitura dentro do cárcere foi a própria realidade que a cercava. Na verdade, dentro do seu contexto social, muitos de seus conhecidos passaram parte de suas vidas privados de liberdade. Posterior a isso, surgiu o forte interesse, dentro da universidade, de atuar à frente de projetos de leitura no cárcere.

E, por último, a professora 4 passou por muitos acasos, dentro da universidade, que a levaram a interessar-se por projetos de leitura no cárcere. Entretanto, conforme a experiência passava, a professora relata sobre a positiva experiência que acabou desenrolando-se no tempo. E a experiência fez com que ela se sentisse em paz consigo mesma.

O que todas essas professoras revelam, e acredito que possuem em comum, são as seguintes problemáticas: quem vai preso no Brasil é preto, pobre e geralmente sem pouco ou até mesmo nenhum estudo; as pessoas em situação de cárcere são pessoas desacreditadas pela sociedade (ora esquecidas, ora desumanizadas); as professoras relatam que a experiência dentro do presídio é transformadora, pois a relação que elas estabelecem, dentro dos projetos, com os encarcerados é de respeito, confiança, afeto e com aprendizado para ambos os lados; a escuta e o aprendizado substituem o julgamento e a condenação.

Considero muito positivo o fato de termos educadores, como todas elas relatam, felizes com o que estão desenvolvendo. Elas defendem que a experiência dentro presídio, ao contrário como muito o senso comum afirma, pode ser humanizadora.

Adiro à ideia da necessidade de o Brasil possuir educadores que estão comprometidos em humanizar a experiência de quem está encarcerado. Da mesma forma, é fundamental a existência de educadores que estejam comprometidos em garantir que as pessoas encarceradas tenham acesso a oportunidades de reabilitação e reintegração à sociedade, por meio dos projetos de leitura no cárcere.

9- Considerações finais

Percebo que através dos relatos das respostas dadas pelas entrevistadas que o desejo por um mundo melhor existe, ou seja, há esperança para que tenhamos

um mundo mais pacífico, mais solidário, mais humano. As entrevistadas tornam o nosso mundo melhor, pois acreditam no poder da redenção das pessoas. Elas acreditam naquelas pessoas as quais a sociedade não quer mais acreditar.

Paulo Freire ensina-nos o seguinte:

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Essas professoras possuem a coragem de relatar sobre as suas experiências com as populações carcerárias, e também têm a coragem de atuar nos espaços onde ficam os encarcerados. Seu trabalho é essencial para a criação de sistemas prisionais mais humanos, menos violentos e mais redentores. Em suma, por meio de seus trabalhos nas prisões, essas professoras estão contribuindo para a construção de uma relação diferenciada entre os encarcerados e o restante da sociedade. Esta é uma relação baseada não na suspeita e no medo, mas na compreensão e na solidariedade.

O Brasil precisa passar por profundas mudanças no modelo de sistema prisional adotado. O sistema prisional no Brasil baseia-se na utilização de métodos punitivos, que não têm surtido os resultados esperados. Esse fato levou à superlotação e ao aumento do número de presos, aumento da violência dentro dos próprios presídios, bem como mortes dentro desses.

O Estado também deve desenvolver uma política para a reintegração dos presos à sociedade, que deve incluir medidas para ajudá-los a encontrar emprego, moradia, e o reencontro com a dignidade – a qual vê-se muito bem explicitada através do encantador e humano trabalho que essas incríveis professoras apresentam.

Resgato aqui, de igual modo, a demanda de o Estado pensar o espaço de cárcere como um espaço transgressor da realidade de violência. Aprendi com bell hooks que o papel do professor é de mediar as vitais profundas sociais que o nosso mundo precisa. E o que se vê no cotidiano dos presídios brasileiros, através dos noticiários, é a perpétua cultura da reprodução de mais violência, mais barbárie.

Reflieto que o nosso papel como professor e sonhador é levar até aos presídios a sala de aula transgressora, a sala de aula que desmantela a cultura da violência. É a sala que promove transformações nos sujeitos. É acreditar que o ser humano pode

ser recuperado, trazido de volta à plena vida, e que a possibilidade de esperança é sempre possível. A sala de aula é um espaço de amor, um espaço que nos permite sonhar com um mundo em que a fraternidade prevaleça.

Sinto que meu papel na sociedade, por mais privilegiado que seja, de homem branco, heterossexual, cisgênero e cristão, não me livra de pensar e empatizar ao próximo. Compreendo de todo o coração que o Brasil é, por si só, um país muito violento. O nosso país possui alta taxa de criminalidade, e sei que os infratores da lei devem cumprir suas penas. Entretanto, acredito que em algum dia as pessoas engajar-se-ão a mudar essa sociedade da cultura da violência: um dos caminhos é o investimento em educação pública e de qualidade. E o acesso à educação, ao livro torna a sociedade mais fraterna, menos desigual e mais justa.

Então, penso que o Estado não deve fugir do dever de estender o “braço” da educação aos presídios. A sociedade deve mudar tanto fora, quanto dentro dos espaços de privação de liberdade. Enquanto sonhador, estudante de uma universidade pública e defensor da democratização à educação e acesso ao livro, sonho com um Brasil onde as pessoas podem sentir-se mais seguras nas ruas e nos seus lares, e sonho com o dia o qual ninguém é marginalizado ou esquecido. Luto por uma sociedade que ruma à paz, ao amor e à empatia. E, nessa busca, sei que a educação é fundamental.

10- Referências Bibliográficas

DA SILVA GONÇALVES, Aline Najara. PEDAGOGIAS TRANSGRESSORAS: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 3, n. 1, p. 3-12, 2019.

EDUCAÇÃO DIALÓGICA. Saraiva, 2021. Disponível em: <<https://blog.saraivaeducacao.com.br/educacao-dialogica/>>. Acessado em 27 de janeiro de 2022.

ENSINANDO A TRANSGREDIR - A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE. bell hooks, 1994. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf>. Acessado em 19 de janeiro de 2022

FREIRE, Paulo. **A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER EM TRÊS ARTIGOS QUE SE COMPLETAM: VOLUME 22**. Cortez editora, 2017.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988.

Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

Acessado em: 17 de setembro de 2021.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL, 2022. **Segundo Levantamento do Depen, as vagas no sistema penitenciário aumentaram 7,4%, enquanto a população prisional permaneceu estável, sem aumento significativo**. Disponível em: <<https://www.gov.br/depen/pt-br/assuntos/noticias/segundo-levantamento-do-depen-as-vagas-no-sistema-penitenciario-aumentaram-7-4-enquanto-a-populacao-prisional-permaneceu-estavel-sem-aumento-significativo>>. Acessado em: 08 de fevereiro de 2022.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. 23ª impressão, 17ª edição. Paz e Terra. 1987. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

PADILHA, Gabriela Fagundes; SOUZA, Fernanda. **LEITURA COMO PRÁTICA PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA**. <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Gabriela-Fagundes-Padilha.pdf> . Acessado em 12 de agosto de 2021.